



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 16, v. 2

set.2021-dez.2021

p. 155-171

Homem trans com homem cis dá lobisomem?

Professores de ciências perante corpos lobisbixas

*(Does a cis man with a trans man equals a werewolf?
Science teachers before queer werewolf bodies)*

*(Hombre trans con hombre cis sale hombre lobo?
Profesores de ciencias ante cuerpos lobogais)*

Charlie Drews dos Santos¹

Meiri Aparecida Gurgel de Campos Miranda²

Allan Moreira Xavier³

RESUMO: Neste texto, procuramos apresentar os resultados parciais de pesquisa de mestrado, na qual nos debruçamos sobre as concepções de professores de ciências e de biologia da educação básica sobre o tripé sexo, gênero e sexualidade, sendo estes os componentes da matriz de inteligibilidade heterossexual. Especificamente, debatemos as concepções acerca desse tripé de cinco professoras participantes da pesquisa, sendo todas elas atuantes nas disciplinas de ciências e de biologia da educação básica pública. Como elas reagem perante a existência de homens transgêneros que se relacionam afetivo-sexualmente com homens cisgêneros, constituindo-se assim casais lidos como gays? Para tanto, apresentamos às participantes uma HQ do desenhista estadunidense Bill Roundy, no qual ele, enquanto homem cis *gay*, tenta explicar como são seus relacionamentos com homens trans. Configura-se, pelo dito popular, que “homem com homem dá lobisomem”, então, com base nos estudos transviados (*queer*) e na pedagogia dos monstros, procuramos destrinchar o quanto um homem trans com um homem cis também se constitui um lobisomem/lobisbixa que pode embaralhar as categorias conceituais do ensino de ciências, assim como alguns pressupostos positivistas presentes no próprio campo de ciências da natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Professores. Ciências. Gênero. Queer. Monstros.

Abstract: This paper reports the partial results of a master's research focused on how science and biology teachers in basic education conceptualize the tripod sex, gender, and sexuality, which compose the heterosexual intelligibility matrix. Here, we discuss the conceptions of five teachers about this tripod; how they react before transgender men who have intimate relationships with cisgender men, thus being read as a gay couple? To this end, we showed the participants a comic book by American artist Bill Roundy, in which he, cis gay man, tries to explain his relationships with trans men. If, as the Brazilian popular saying goes, “a man with a man equals a werewolf,” then, based on queer studies and on the

1 Mestre e doutorando em Ensino e História das Ciências e da Matemática pela Universidade Federal do ABC – UFABC. E-mail: charlie.drews@ufabc.edu.br.

2 Professora da pós-graduação em Ensino e História das Ciências e da Matemática e da licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do ABC – UFABC. E-mail: meiri.miranda@ufabc.edu.br.

3 Professor da pós-graduação em Ensino e História das Ciências e da Matemática e da licenciatura em Química pela Universidade Federal do ABC – UFABC. E-mail: allan.xavier@ufabc.edu.br.



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 12/02/2020

Aceito em 23/12/2020

pedagogy of monsters, we explore how much a trans man with a cis man can also equal a (queer) werewolf, disrupting the conceptual categories of science education and some positivist assumptions within natural sciences.

Keywords: Teachers. Science. Gender. Queer. Monsters.

Resumen: En este texto tratamos de presentar los resultados parciales de la investigación de la maestría en la cual nos enfocamos en las concepciones de los profesores de ciencias y biología en educación básica sobre el trípole sexo, género y sexualidad, siendo estos los componentes de la matriz de inteligibilidad heterosexual. Específicamente, discutimos las concepciones sobre este trípole de cinco profesoras que participan en la investigación y que se encuentran activas en las materias de ciencias y de biología en la educación básica pública. ¿Cómo reaccionan ante la existencia de hombres transgénero que se relacionan afectiva y sexualmente con hombres cisgénero, estableciendo así parejas conocidas como homosexuales? Con este fin, presentamos a los participantes un cómic del artista estadounidense Bill Roundy, en el que él, como un hombre cis gay, trata de explicar cómo son sus relaciones con los hombres trans. A partir del dicho popular brasileño “hombre con hombre sale hombre lobo” y de los estudios de la teoría queer y la pedagogía de los monstruos, tratamos de aclarar cuánto un hombre trans con un hombre cis también constituye un hombre lobo/lobogay que puede barajar las categorías conceptuales de la enseñanza de la ciencia, así como algunos supuestos positivistas presentes en el campo de las ciencias naturales.

Palabras clave: Profesores. Ciencias. Género. Queer. Monstruos.



1 O uivo introdutório

Em maior ou menor medida, a sexualidade está presente no ambiente escolar, sendo que sua presença pode – ou não – ser assumida por meio da chamada educação em sexualidade ou educação sexual. Para além disso, há também o fato de a educação em sexualidade ministrada nas aulas de ciências e de biologia ser, ainda, muito pautada por temas como reprodução, anatomia e infecções sexualmente transmissíveis (IST). (RIBEIRO, 2008) A isso, César (2009) aponta como uma colonização do currículo da educação sexual, que teria ocorrido principalmente a partir da epidemia do HIV/aids, a partir da qual passou-se a entender a educação em sexualidade como uma necessidade preventiva, ligada ao campo da saúde.

No mais, Silva (2014, p. 6) considera que a própria abordagem de IST que comumente é feita associa a sexualidade à morte e à doença, ao afirmar que “a produção ordenada e estabilizada do corpo e da sexualidade esteve associada a dispositivos de poder para fazer pensar e produzir um corpo e uma sexualidade territorializados nos órgãos, na doença, no medo”. Até mesmo quando há esporádicos espaços para pautas mais diversificadas no currículo, evidenciam-se ataques conservadores a essas tentativas, como quando o governador de São Paulo, João Dória (PSDB), recolheu apostilas⁴ da rede estadual que mencionavam questões de transgeneridade e cisgeneridade.

Apesar de toda essa configuração, Furlani (2011) aponta que, dentre as diversas abordagens possíveis de trabalho em educação em sexualidade, há o que chama de ‘abordagem queer’, caracterizada pelo “constante questionamento e crítica ao pensamento normativo que permeia os currículos escolares, em geral, e às representações da sexualidade, do gênero e de raça-etnia, em particular”. (FURLANI, 2011 p. 37) E é com base nessa abordagem e nas sugestões de intervenções pedagógicas *queer* de César (2012), que optamos por experienciar o exercício do estranhamento para com professores de ciências e de biologia por meio de uma oficina ofertada para professores da área, cujos resultados foram analisados por pesquisa de Mestrado.

César (2012) defende que seja possível haver práticas pedagógicas *queer*, o que nos causou, a princípio, estranhamento, pois Louro (2018) já se pergunta sobre a viabilidade de se *queerizar* a educação. Ao ofertarmos uma oficina para professores e ensaiarmos duas dinâmicas com base nos pressupostos de César (2012), nos permitimos sondar a (im)possibilidade de práticas pedagógicas transviadas⁵ que possam desestabilizar os regimes de verdade daquilo que

4 Disponível em: <https://glo.bo/3f0t87w>. Acesso em: 21 out. 2019.

5 De início, em nossa pesquisa, adotamos o termo ‘queer’, tanto que a oficina que realizamos ainda adotava a expressão ‘pedagogia queer’. Com o desenvolvimento da própria pesquisa, acabamos dando preferência ao termo ‘transviado’ (BENTO, 2014), para se referir a este campo de estudos, numa das muitas traduções possíveis, e que buscam descolonizar os referências teóricas.



Vergueiro (2015) chama de cis-heteronormatividade. Assim, será que uma intervenção pedagógica transviada sobre um desenhista cis *gay* (Bill Roundy), que namora homens trans (justamente uma das dinâmicas que desenvolvemos na nossa oficina), reafirmaria ou transcenderia o famoso jargão popular heteronormativo de que ‘homem com homem dá lobisomem’? E, se homem com homem dá lobisomem, homem trans com outro homem seria mais que lobisomem? Talvez, *lobisbixa*?

2 O que é uma *lobisbixa*?

Butler (2017) aponta para a existência de uma matriz de inteligibilidade heteronormativa, à qual Louro (2018) denomina de premissa sexo-gênero-sexualidade, em que a heterossexualidade, entendida enquanto um regime político (e não mera expressão de um ‘desejo natural’) dita determinados padrões de gênero, que passam a ser lidos como resultados de um suposto sexo biológico não histórico. Exemplificando, seria a crença – que inverte a sequência – de que um corpo que nasce com uma vulva (dita ‘fêmea’) seria obrigatoriamente uma ‘mulher’ e que, por consequência, deveria desejar ‘homens’, exclusivamente. Todos os corpos que, em qualquer momento, quebrem essa sequência, se tornam corpos ininteligíveis ou *abjetos*, sendo “aquilo que perturba uma identidade, um sistema, uma ordem. Aquilo que não respeita os limites, os lugares, as regras. O intermediário, o ambíguo, o misto”. (KRISTEVA, 1982, p. 4) Seriam, como afirmam Silva (2007) e Cohen (2007), *monstros*.

Como já dito acerca do ditado popular, costuma-se dizer que ‘homem com homem dá lobisomem’ (assim como ‘mulher com mulher dá jacaré’), revelando que há, sim, um imaginário coletivo-social que aponta para a monstruosidade de corpos homoafetivo-sexuais. Mais do que assustar, o monstro é aquele que bagunça a cognição:

Essa recusa em fazer parte da ‘ordem classificatória das coisas’ vale para os monstros em geral: eles são híbridos que perturbam, híbridos cujos corpos externamente incoerentes resistem a tentativas de incluí-los em qualquer estruturação sistemática. E, assim, o monstro é perigoso, uma forma – suspensa entre formas – que ameaça explodir toda e qualquer distinção. (COHEN, 2007, p. 30)

Tal entendimento advindo da *pedagogia dos monstros* dialoga perfeitamente com a matriz de inteligibilidade butleriana, conforme já dito, haja vista que o homem homossexual rompe, em algum momento, com a sequência desta mesma matriz, e daí bagunça todas as categorias culturalmente aceitas. ‘Vira homem!’ é uma interpelação comum que nós, corpos bixas, ouvimos ao longo das nossas vidas e que revela um entendimento de que não somos ‘homens’, mas tampouco ‘mulheres’. Monstros, lobisomens ou, quem sabe, ciborgues, como



preferiria Haraway (2009). São estas nossas possibilidades de ‘devir’, em uma linguagem deleuziana.

Ainda quanto ao lobisomem, Cohen (2007) relata a história mitológica do rei Lycaon, que, de acordo com Ovídio, teria sido o primeiro ser meio homem, meio lobo. Tal metamorfose teria sido resultado de uma maldição advinda da quebra da relação hóspede-anfitrião – importante no mundo greco-romano – quando Lycaon não teria recebido de maneira adequada ao próprio deus Júpiter. Enfurecida, a divindade teria “transformado Lycaon em uma monstruosa aparência daquele estado sem lei e sem deus ao qual suas ações fizeram a humanidade regredir”. (COHEN, 2007, p. 41) Corpo monstruoso, corpo abjeto, corpo animal, pois conforme aponta Kristeva (1982, p. 15):

O abjeto nos confronta, por um lado, nesses estados frágeis em que o homem erra nos territórios do animal. Assim, por meio da abjeção, as sociedades primitivas delimitaram uma zona precisa de sua cultura a fim de separá-la do mundo ameaçador do animal ou da animalidade, imaginados como representantes da morte e do sexo.

Colocando ainda mais ‘caroço nesse angu’, se dois homens cis em relação afetivo-sexual já causam todo esse terror social, o que será então dos corpos transgêneros masculinos ao romperem com o *cistema* sexo/gênero? Se estes corpos, por si só, já são monstruosos/abjetos/animalescos, o que será deles se configurarem, em uma adição teratológica, relações com outros homens? Aqui, suspeitamos, há mais bagunça ainda nas categorias conceituais, pois o corpo trans masculino, que a cisnormatividade considera uma ‘fêmea’, pode ser *lobisbixa*? Haveria espaço para tanta monstruosidade *lobisbixa* nas aulas de ciências e de biologia e na educação em sexualidade ministradas nas mesmas?

3 Caminho metodológico

Este artigo divulga resultados parciais da pesquisa de mestrado desenvolvida, na qual apresentamos os resultados referentes a uma das dinâmicas de produção de materiais, sendo que o objetivo geral da pesquisa é analisar as concepções do tripé sexo, gênero e sexualidade de professores de ciências e de biologia da educação básica. No caso, caracterizamos tal pesquisa enquanto qualitativa, sendo, portanto, não totalmente pré-configurada, mas aberta a mudanças e fundamentalmente interpretativa, nos dizeres de Creswell (2010).

Para o levantamento do material, aplicamos a oficina *Estranhando corpos: possibilidades para uma pedagogia queer*, com a participação de cinco professoras das áreas de ciências e de biologia. As professoras participantes foram convidadas pelos autores da pesquisa por e-mail, não sendo adotada qualquer forma de coação para sua participação. Tiveram elas seus nomes



verdadeiros ocultados, sendo chamadas, então, de Melanie (professora de ciências na rede municipal de São Paulo, 26 anos), Geri (professora de ciências da rede estadual de São Paulo, 54 anos), Victoria (professora de ciências e de biologia na rede estadual de São Paulo, 44 anos), Emma (professora de ciências e de biologia das redes municipal e estadual, 58 anos) e Elton (professor de ciências, matemática e física na rede estadual de São Paulo e na rede privada, 32 anos).

A oficina completa (que durou cerca de três horas) foi composta pela seguinte sequência: 1. questionário prévio, no qual as participantes deveriam anotar suas concepções sobre sexo, gênero e sexualidade e responder questões como “o que leva uma pessoa a ter determinada sexualidade e a possuir determinada identidade de gênero?”; 2. dinâmica um; 3. dinâmica dois, que é a que interessa neste artigo; 4. questionário posterior, para detectar possíveis mudanças e/ou sensibilizações nas concepções sobre o tripé sexo, gênero e sexualidade; e 5. breve exposição teórica sobre pedagogia queer por parte do pesquisador. Toda a oficina foi gravada em recurso áudio-digital, sendo posteriormente transcrita pelo pesquisador.

Os resultados apresentados aqui dizem respeito aos itens 1, 3 e 4, sendo eles a segunda dinâmica e os dois questionários (tanto o prévio quanto o posterior). No caso, a dinâmica dois realizada na oficina foi inspirada nas intervenções pedagógicas transviadas sugeridas por César (2012 p. 352), baseadas em narrativas que podem “produzir acontecimentos, no sentido pensado por Gilles Deleuze, instaurando a diferença no currículo ou uma possibilidade para a pedagogia queer”. Todavia a dinâmica aqui apresentada não se pautou nas quatro personagens que a autora considera como “terroristas de gênero”⁶ (CÉSAR, 2012, p. 355), mas, sim, em uma nova intervenção pensada pelos próprios pesquisadores, a partir de outros personagens.

No caso, adotamos a história do desenhista cisgênero gay Bill Roundy, que conta, em uma história em quadrinhos (HQ), sua preferência por relacionamentos afetivo-sexuais com homens transexuais também gays. A escolha deste material se deve pelo fato do mesmo se colocar tanto no campo do humor – sem ser ofensivo – quanto de certo ‘didatismo’, pois seu autor procura, em alguns momentos, ‘explicar’ algumas situações vividas. Em alguns trechos, ele retrata tanto homens gays quanto heterossexuais funcionando como uma espécie de patrulha ou de ‘polícia de gênero’ – conforme já denunciado por Vidarte (2019) – que procuram deslegitimar sua identidade sexual (homem gay) justamente pelo fato de ele estar se relacionando com corpos masculinos possuidores de ‘pepeca’, e não de ‘pau’.

Quanto à dinâmica propriamente dita, entregamos às participantes uma ficha-cartão em branco (frente e verso) e pedimos para que desenhassem – na frente – a figura de um homem

6 A saber, Thomas Beatie, Brendan Teena, Bree Osbourn e Agrado. (CÉSAR, 2012, p. 352)



transgênero ao lado de uma segunda figura que representasse um possível parceiro amoroso-sexual. Partimos do pressuposto de que, devido à matriz de inteligibilidade heterossexual (BUTLER, 2017), as professores participantes desenhariam, majoritariamente, uma parceira do sexo feminino, lida como cisgênera, como companhia ‘natural’ destinada ao homem transexual. Após o desenho, as participantes receberam a HQ de Bill Roundy e puderam lê-la, sem intervenções do aplicador da oficina, para, logo após, poderem refazer seus desenhos no verso da mesma ficha-cartão, caso quisessem.

O intuito, no caso, era perceber pelos desenhos das fichas-cartão (tanto o da frente quanto o do verso) quais seriam os regimes de verdade envolvidos e as possíveis sensibilizações para possibilidades outras de relacionamentos para além do normalmente estabelecido. Como forma complementar de produção de material, após o segundo desenho, convidamos as participantes a falar, em entrevista semiestruturada em grupo focal. Por fim, tivemos, conforme já dito, a aplicação de dois questionários (um prévio e outro posterior à dinâmica), por meio dos quais objetivamos que as professores relatassem algumas concepções e possíveis sensibilizações sobre seus entendimentos sobre sexo, gênero e sexualidade.



Figura 1 – Trecho da história em quadrinhos do desenhista Bill Roundy



Fonte: Redação Hypeness⁷.

⁷ Disponível em: <https://bit.ly/3y6hTSt>. Acesso em: 21 dez. 2019.



O material produzido (desde as fichas-cartão até as falas gravadas e transcritas) foi estudado por meio da análise do discurso foucaultiana alinhada a uma perspectiva problematizadora dos estudos transviados, configurando assim, de acordo com Paraíso (2014), uma metodologia pós-crítica na pesquisa em educação. Ao final, pudemos perceber em que medida é (ou não) possível pensar em intervenções pedagógicas transviadas no ensino de ciências e de biologia da educação básica.

Ainda de acordo com Paraíso (2014, p. 30), é importante lembrarmos que “o discurso que produzimos com nossas pesquisas é um discurso parcial que foi produzido com base naquilo que conseguimos ver e significar com as ferramentas teóricas-analíticas-descritivas que escolhemos operar”. Portanto, longe de querer apresentar regimes de verdade, o que objetivamos é a apresentação de leituras possíveis sobre o material levantado.

4 A lobisbixa perante os olhares professorais

A oficina *Estranhando corpos: possibilidades para uma pedagogia queer* constou com algumas etapas principais, dentre as quais estariam um questionário prévio, duas dinâmicas, uma exposição teórica e um questionário final. Neste artigo, daremos mais destaque aos resultados obtidos pelo questionário prévio e com a segunda dinâmica. Em relação ao primeiro (o questionário prévio), perguntamos o que levaria as pessoas a terem determinada orientação sexual e determinada identidade de gênero, ao que as participantes entendem como sendo consequência de fatores biológicos e fisiológicos:

Sexualidade: *acredito ser **fisiológico**; gênero: identificação/fisiológico.* (Victoria, resposta ao questionário prévio, grifo nosso)

Sexualidade: *Acredito ser **fisiológico**, que está relacionada a **produção hormonal** e desta forma provocando as mudanças e **escolhas**.* (Geri, resposta ao questionário prévio, grifo nosso)

Identidade de gênero: ***Tanto pode ser uma escolha como não.** Ser uma escolha implica em aceitação daquilo que a pessoa sente ou se identifica que pode ser diferente do gênero biológico que possui. Quando não pode ser pelas dificuldades impostas pela sociedade com as quais sofre ao lidar. **Ser transgênero é identificar-se com o gênero oposto ao seu.*** (Emma, resposta ao questionário prévio, grifo nosso)

Sexualidade: *Uma expressão **espontânea e natural** que ocorre no corpo, a ser compartilhada ou não, como pessoas do mesmo sexo ou não, mas que sofre a influência de valores sociais, econômicos e religiosos.* (Emma, resposta ao questionário prévio, grifo nosso)

Geri considera que a orientação sexual pode ser uma ‘escolha’, sendo que tal atributo também é utilizado por Emma ao se referir à identidade de gênero. As quatro falas se coadunam também no entendimento de orientação sexual e identidade de gênero são fenômenos que não



escapam de determinações biológicas e fisiológicas, sendo, inclusive, que a pessoa transgênera⁸ (e aqui o que nos interessa mais ainda é o homem transgênero) é vista como alguém que escapa de uma suposta identidade de gênero ‘original’, afinal, nas palavras de Emma, esse homem se identifica com ‘o gênero oposto ao seu’.

Butler (2017) já indica, por outro lado, de que não existe um gênero ‘original’, pois, ao se debruçar sobre o exemplo da drag queen, propõe que sua graça esteja em parodiar a própria ideia de que há um gênero original. Portanto, partindo de um entendimento transviado, o homem trans não está rompendo com um gênero ‘original’ e sua orientação sexual, seja qual for, não é determinada – ao menos não preponderantemente – por fatores biológicos/fisiológicos, mas é tão construída quanto seu próprio gênero. Vale ressaltar que a própria literatura também aponta para o fato de que a própria educação em sexualidade nas escolas ter sido colonizada por um discurso médico, da área da saúde. (CÉSAR, 2009) Nas palavras de Silva (2015 p. 11), há “a incorporação do discurso ‘ortopédico’ da sexualidade, elaborado pelo discurso biomédico e instituído pela escola, pela educação sexual que circula em diversos espaços”.

Quanto ao entendimento das participantes de a orientação sexual – a até mesmo a sexualidade como um todo – ser um fenômeno predominantemente essencialista, podemos contrapô-lo aos apontamentos de Foucault (2003) e Katz (1996). O primeiro defende que a sexualidade é produzida discursivamente, conforme apontado por Spargo (2017), sendo seu exemplo maior disso a própria ideia de homossexualidade (ou seja, uma orientação sexual específica) enquanto uma invenção discursiva da medicina psiquiátrica do século XIX, em contraposição à noção de sodomia, conforme se entendia anteriormente:

É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se no dia em que foi caracterizada – o famoso artigo de Westphal, em 1870, sobre as ‘sensações sexuais contrárias’ pode servir de data natalícia – menos como um tipo de relações sexuais do que como uma certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie. (FOUCAULT, 2003, p. 43-44)

Katz (1996), ao reboque do observado pela obra foucaultiana, conclui o mesmo sobre a heterossexualidade, ou seja, que se trata também de uma construção discursiva e, portanto, histórica. Não seria a heterossexualidade, portanto, um fenômeno natural e a-histórico. Sua invenção “nomeava publicamente, normalizava cientificamente e justificava eticamente a prática

8 Conforme apontado por JESUS (2012, p. 7), o termo *transgênero*, escolhido como o termo principal deste artigo para se referir à população trans, pode ser entendido enquanto *identidade* (que engloba tanto travestis quanto transexuais) ou *funcionalidade*. No caso, adotamos o termo *transgênero* no seu sentido de *identidade*.



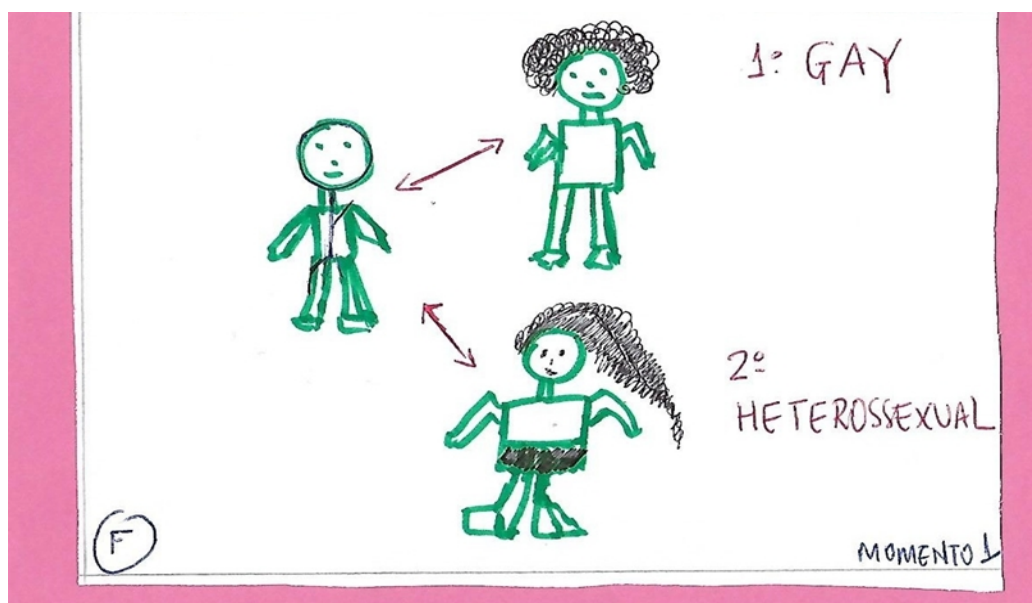
da classe média de prazer de sexo diferente”. (KATZ, 1996, p. 134) Apesar de sexualidade ser um conceito mais amplo do que o de orientação sexual, a construção discursiva das ditas orientações só reforça a ideia foucaultiana da sexualidade enquanto uma produção, e não um dado da natureza.

Dito isto sobre sexualidade e orientação sexual, partimos para a segunda dinâmica, que se iniciou com as professoras recebendo uma ficha-cartão em branco (com frente e verso) na qual deveriam, na parte da frente, desenhar um homem transgênero acompanhado de quem seria seu provável parceiro afetivo-sexual. Ponderamos que ao realizar tal dinâmica, já tínhamos como hipótese de pesquisa que as professoras, em sua maioria, desenhariam o homem transgênero compondo um par heterossexual com uma mulher, pois tal seria o entendimento esperado pela heteronormatividade. No caso, a hipótese se concretizou parcialmente, pois três desenhos seguiram a tendência esperada. Dois exemplos disso são os desenhos de Geri e Emma:

Figura 2 – Desenhos de Geri e Emma retratando a possível configuração de relacionamento afetivo-sexual de um homem transgênero



Figura 3 – Desenho de Elton, representando as possibilidades de um homem transgênero poder namorar tanto um homem quanto uma mulher



O participante Elton foi o único que, a princípio, apresentou um entendimento prévio um pouco mais aberto acerca das possibilidades sexuais de um homem transgênero, pois em seu desenho há um homem trans com dois possíveis parceiros afetivo-sexuais: uma mulher (configurando-se, segundo o participante, um relacionamento ‘heterossexual’), e outro homem (relacionamento ‘gay’). Curiosamente, no verso de suas fichas-cartão, ao poderem reelaborar seus desenhos ou frases iniciais, quase todos participantes (com exceção de Victoria) optaram por escreverem pequenos textos, e Elton confirma seu entendimento inicial expresso em seu desenho:

No momento anterior, posicionei o homem trans namorando um rapaz caso ele seja gay (que pode ser trans ou cis) e também coloquei esse mesmo homem namorando uma mulher (também pensei que poderia ser trans ou cis). Após ler essa tirinha, lembro de um casal famosos que o [sic] Pedro HMC e Popó Vaz. (Elton, resposta ao verso de sua ficha-cartão)

Já Emma apresenta uma típica confusão conceitual no verso de sua ficha-cartão, ao escrever que o desenho de Bill Roundy retrata “a relação entre um transgênero feminino e um gay masculino”. Nota-se, no seu entendimento, que Roundy, mesmo sendo gay, é masculino, um homem. Já seus parceiros transgêneros seriam, para ela, pessoas designadas como ‘femininas’, pois são ‘transgêneros femininos’ na sua fala. Uma interpretação possível é que a confusão monstruosa é tanta, que um corpo que nasceu com uma vulva, passou por transformações masculinizantes e mesmo assim namora com outros homens se torna, na conceituação butleriana,



tão absurdamente ininteligível que as categorias classificatórias se embaralham, até mesmo perdendo seu sentido e validade.

Por outro lado, algumas participantes como Elton e Melanie já apresentam concepções mais abertas. Tanto que Melanie desenhou um casal, em que há uma figura de claro estereótipo masculino e outra que parece um tanto andrógina ou não binária. Seu desenho pode querer trabalhar com a ambiguidade, na qual talvez não seja possível determinar com clareza os gêneros das figuras e nem se se trata de um casal heterossexual.

Figura 4 – Desenho da participante Melanie, retratando casal formado por uma pessoa de estereótipo de gênero masculino ao lado de um(a) parceiro(a) de expressão de gênero indefinida



Gostei muito da tirinha (zine), porque traz o debate de que pessoas trans não necessariamente namoram (se relacionam) com o gênero oposto, e o mais importante, na minha opinião, que se relacionar vai muito além da relação sexual. Gostar de homem é muito mais do que gostar de seu órgão sexual, afinal homem não se resume [sic] a seu órgão genital. (Melanie, resposta ao verso de sua ficha-cartão)

Se para alguns a monstrosidade é gritante, evidente, para outros já não tanto. Encontrar, pois, respostas diversificadas para a questão levantada pela pesquisa (concepção de professores de ciências e de biologia sobre sexo, gênero e sexualidade) revela que seria simplista acreditar que haveria um entendimento único. Ele é diversificado, o que exige um olhar ainda mais cuidadoso para análise do material produzido. Todavia, mesmo não havendo um entendimento único, há uma característica que se mostra constante: a compreensão do sexo como um fenômeno predominantemente biológico:



SEXO: *Não mudou a compreensão, talvez estimulou a necessidade de buscar maior apoio para trabalhar com alunos.* (Geri, resposta ao questionário posterior)

SEXO: *A definição ocorre pela expressão dos genes presentes nos cromossomos sexuais.* (Emma, resposta ao questionário posterior)

SEXO: *Biológico: macho, intersexual, fêmea.* (Elton, resposta ao questionário posterior).

Portanto percebe-se que para Elton, por exemplo, um homem trans pode estar em um relacionamento hetero ou gay, mas, independentemente de qualquer coisa, seu sexo continuará sendo de ‘fêmea’, assim como para Emma, independentemente da identidade de gênero, o sexo é um destino inexoravelmente traçado pela genética. Importante salientar que, quando questionados acerca do ‘gênero’, as respostas das professoras não foram tão taxativas e mencionaram se tratar de um fenômeno muito mais cultural e social, mesmo que ainda carregue alguma característica biológica. Lanz (2014) identifica esse pensamento com o chamado feminismo de ‘segunda onda’, que compreende o sexo e o gênero como fenômenos distintos, sendo o segundo uma construção histórico-cultural sobre o primeiro, compreendido um dado biológico a-histórico.

Os estudos transviados – ou queer, derivados do feminismo de ‘terceira onda’ – contrariam esta compreensão, tal como quando Butler (2017) aponta que talvez o sexo sempre tenha sido o gênero – e vice-versa, não ensaiando um retorno ao essencialismo, mas denunciado o quanto o sexo é tão discursivamente constituído quanto o gênero. Logo o homem trans não seria uma ‘fêmea’ biológica que adotou uma identidade de gênero masculina, pois, se assim entendermos, seu possível relacionamento com um homem cis, especificamente, poderia ser lido e interpretado como uma relação heterossexual. Mas desde quando dois barbudos se beijando pode ser uma relação heterossexual? Lembremos que o atual presidente da República já declarou que preferia um filho morto em um acidente do que vê-lo aos beijos com um ‘bigodudo’⁹. Logo, o que mais define o ‘ser homem’: o órgão genital ou o bigode? Será que se um dos filhos do clã presidencial estivesse aos beijos com um bigodudo possuidor de vulva, teríamos, aí sim, o aval presidencial para a relação? Bill Roundy e seus parceiros talvez configurem uma monstruosidade tão absurda (*lobisbixas*) que chega ao ponto de tê-la camuflada...

Será?

9 Disponível em: <https://bit.ly/3y8ZzrU>. Acesso em: 24 nov. 2019.



5 Considerações licantrópicas

Conforme já apontado, a literatura da área indica que as aulas, materiais didáticos e os próprios professores de ciências dos anos finais do ensino fundamental e de biologia do ensino médio tendem a ter uma visão mais essencialista sobre o sexo, o gênero e a sexualidade, e, por consequência, marcada por padrões cis-heteronormativos.

Nossa dinâmica da ficha-cartão, ao abordar possibilidades de relacionamentos afetivo-sexuais para homens transgêneros, demonstrou que, de fato, parte das professoras participantes reproduziu exatamente o entendimento da matriz de inteligibilidade heterossexual, segundo a qual há uma sequência entre sexualidade, gênero e sexo, e que a quebra dessa mesma sequência tornaria esses mesmos corpos ininteligíveis ou, usando de uma terminologia mais forte, *monstros*.

Por outro lado, algumas participantes já apresentam concepções um pouco mais abertas sobre o que entendem como sendo um homem, que isso não se resumiria a possuir um ‘pinto’. Aqui há um visível rompimento com o entendimento esperado pela matriz de inteligibilidade heteronormativa, pois, conforme demonstrado por algumas delas, o que define o gênero e a sexualidade não é exclusivamente a biologia. Todavia, conforme já demonstrado, permanece em todas as participantes o entendimento de sexo ser um fenômeno preponderantemente biológico, na contramão do que aponta o feminismo de ‘terceira onda’ e os estudos transviados.

Consideramos, no caso, haver uma filiação dupla e ambígua entre os entendimentos essencialistas da matriz de inteligibilidade e os do feminismo de ‘segunda onda’, sendo que um é mais preponderante que o outro, a depender da professora participante da pesquisa. Todavia ambos os entendimentos se fazem presentes, em algum grau, pois mesmo as participantes aparentemente mais ‘conservadoras’, como Geri e Emma, também apontaram haver algum fator sociocultural na construção do gênero, revelando ao menos alguma adesão parcial aos pressupostos da ‘segunda onda’ feminista.

A total (ou quase total) ausência de uma perspectiva mais pós-estruturalista sobre a sexualidade e, principalmente, sobre o sexo e o gênero, por parte das professoras de ciências entrevistadas, é indicativa de que a monstruosidade do homem trans se faz presente, pois, mesmo havendo alguma legitimação para com sua identidade de gênero (como o fazem Melanie e Elton), esta é sempre vista como uma espécie de fantasmagoria fantasiosa – mesmo que parcialmente aceita – sobre uma natureza que não permite dúvidas quanto aos seus critérios dimórficos a-históricos.

Homem namorando homem dá lobisomem, logo um homem trans namorar um homem cis (como é o caso da HQ de Bill Roundy) é uma monstruosidade licantrópica tão peculiar que



deixaria o rei Lycaon uivando loucamente com seus pelinhos arrepiados! Afinal, o reencontro de uma buceta com um cacete não é o esperado de uma relação dita heterossexual? Eis, mas espere! Nesse encontro de xoxota e pinto estão dois bigodudos (no melhor estilo aversão/fetichismo presidencial) se beijando! Como pode isso ser hétero?

Toda essa anarquia categorial dá ‘tela azul’ no *cistema* heteronormativo, logo o lobisomem *lobisbixa* não é um problema para os conteúdos das aulas e concepções de professores de ciências e de biologia, mas um monstro que bagunça um certo positivismo que ainda reina na área de ciências da natureza. Mais do que ‘bugar’ o chão da sala de aula, a *lobisbixa* talvez queira é devorar os regimes de verdade que tornam – ou tentam tornar – sua existência impossível. É lua cheia!

Referências

BENTO, B. O que pode uma teoria? Estudos transviados e a despatologização das identidades trans. *Florestan*, São Carlos, ano 1, n. 2, p. 46-66, 2014.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CÉSAR, M. R. A. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “epistemologia”. *Educar*, Curitiba, n. 35, p. 37-51, 2009.

CÉSAR, M. R. A. A diferença no currículo ou intervenções para uma pedagogia queer. *ETD: Educação Temática Digital*, Unicamp, v. 14, p. 351-362, 2012.

COHEN, J. J. A cultura dos monstros: sete teses. In: COHEN, J. J. *et al.* (org.). *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. São Paulo: Autêntica, 2007. p. 23-60.

CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

FURLANI, J. *Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, T. (org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.



JESUS, J. G. *Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos*. Brasília, DF: Autor, 2012.

KATZ, J. N. *A invenção da hetero sexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

KRISTEVA, J. *Powers of horror: an essay on abjection*. New York: Columbia University Press, 1982.

LANZ, L. *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*. 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza, 2014. p. 25-47.

RIBEIRO, P. R. C. A sexualidade e o discurso biológico. In: RIBEIRO, P. R. C.; QUADRADO, R. P. (org.). *Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar*. 2. ed. Rio Grande: FURG, 2008. p. 35-38. (Caderno pedagógico: Anos Finais).

SILVA, E. P. Q. Corpo e sexualidade: experiências em salas de aula de ciências. *Periódicus*, v. 1, n. 2, p. 1-15, 2014.

SILVA, T. T. Monstros, ciborgues e clones: os fantasmas da pedagogia crítica. In: COHEN, J. J. et al. (org.). *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. São Paulo: Autêntica, 2007. p. 11-22.

SPARGO, T. *Foucault e a teoria queer*. São Paulo: Autêntica, 2017.

VERGUEIRO, V. *Por inflexões decoloniais e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. 2015. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

VIDARTE, P. *Teoria bixa*. São Paulo: N-1, 2019.

